

## A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM UM JORNAL: ANÁLISE DE TEMAS DA SAÚDE

Luiza Rodrigues Oliveira<sup>1</sup>, Sandra Cribb<sup>2</sup>, Sílvia Serra<sup>3</sup>

<sup>1</sup>UNIPLI/professora do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente,  
[luiza.oliveira@gmail.com](mailto:luiza.oliveira@gmail.com)

<sup>2</sup>UNIPLI/professora do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente,  
[sandalucribb@yahoo.com.br](mailto:sandalucribb@yahoo.com.br)

<sup>3</sup>UNIPLI/professora do Curso de Comunicação Social, [silviagabrielserra@yahoo.com.br](mailto:silviagabrielserra@yahoo.com.br)

### RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar como conceitos científicos são abordados pela Mídia. Foi analisada reportagem um periódico do Rio de Janeiro: O Globo. A Divulgação Científica é uma demanda da sociedade aos espaços não-formais de ensino, um deles o contexto midiático. O recurso metodológico foi a Análise do Discurso Francesa. Concluiu-se que o conteúdo científico divulgado pela Mídia é descontextualizado e tem como uma de suas causas: as diferenças entre as linguagens das duas instituições. É preciso, portanto, desenvolver estudos que analisem como as especificidades da linguagem do jornalismo podem lidar com as especificidades da linguagem da Ciência, pois existem diferenças que são determinantes para cada um desses discursos.

**Palavras-chave:** Mídia; Saúde; Divulgação Científica.

### ABSTRACT

The objective of this article was to examine issues related to scientific concepts are being addressed by the press. Thus, we accessed reports of a large circulation newspaper in the state of Rio de Janeiro: O Globo. We analyzed the text of a article published about the theme Health. The Methodological resource was the Speech French Analysis. The choice of topic was made because the Health has been constituted as one of the greats subjects of the media when it is about scientific dissemination. The justification of the proposed work is in fact that the Science Dissemination has been signing as a demand made by the society to the no-formal spaces of teaching, one of them the media context. Thus, the science teaching is earning relevance beyond the formal spaces (school and university), as seen the high rates of scientific illiteracy in the country. We conclude that the scientific content published by Media is decontextualized and has as one of its causes: the differences between the languages of the two institutions. It is therefore necessary to develop studies to examine how the language specificities of journalism can deal with the specificities of the language of science, because there are differences that are crucial to each of these discourses.

**Keywords:** Media, Health, Science Teaching, Scientific Dissemination

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar como se constitui a divulgação científica de temas da Saúde, a partir da linguagem constituída pela mídia impressa<sup>1</sup>.

Para tanto, o aporte teórico deste trabalho é Michel Foucault (2004), que, ao realizar estudos sobre a história da penalidade, descreveu uma tecnologia de controle que remetia a uma prática de relação de poder que não era exclusiva da prisão, mas também aparecia nos hospitais, no exército, nas escolas, ou seja, nas formas de relação instituídas a partir da Modernidade. “Entre o poder e o saber, há uma diferença de natureza, heterogeneidade, mas há também pressuposição recíproca e capturas mútuas (...)” (DELEUZE, 1985, p. 81). As relações de poder produzem saber, por exemplo, segundo Foucault, o poder que perpassa os hospitais psiquiátricos gera saber: psiquiatria, psicologia etc., entretanto, esse saber também gera poder, há uma captura mútua entre os dois. A diferença é que o poder é constituído por relações de força, e o saber por relações de forma. O saber tem um conteúdo que possui uma substância e uma forma, divididas em ver (luz) e falar (linguagem). Por exemplo, o saber penal tem uma forma, que é a prisão, e os que nela estão presos (os detentos) – campo de visibilidade -, mas tem também uma forma de expressão (direito penal) e uma substância de expressão (delinquência) – objeto do enunciado - local de dizibilidade. O saber aparece no intervalo entre ver e falar.

(...) se ver e falar são formas de exterioridade, pensar se dirige a um lado de fora que não tem forma. Pensar é chegar ao não-estratificado. Ver é pensar, falar é pensar, mas o pensar opera no interstício, na disjunção entre ver e falar (...) pensar não depende de uma bela interioridade a reunir o visível e o enunciável, mas se dá sob a intrusão de um lado de fora que aprofunda o intervalo, e força, desmembra o interior (...) é que o interior supõe um começo e um fim, uma origem e um destino capazes de coincidir, de fazer ‘tudo’. Mas, quando há apenas meios e entremeios, quando as palavras e as coisas abrem-se ao meio sem nunca coincidirem, é para liberar forças que vêm do lado de fora e que só existem em estado de agitação, de mistura e de recombinação, de mutação (...) (DELEUZE, 1985, pp. 93-4)

O saber midiático tem uma forma, que são os meios de comunicação – campo de visibilidade -, e formas de expressão, que pode ser o jornalismo científico e tem, também, uma substância de expressão – objeto do enunciado - local de dizibilidade, que no caso do jornalismo científico é o conteúdo produzido pela Ciência. O objetivo deste trabalho é entender como a mídia vem se apropriando do conteúdo gerado pela Ciência

---

<sup>1</sup> Este trabalho originou-se da Dissertação de uma de suas autoras: SERRA, S. A Divulgação Científica de Temas de Saúde na Mídia: Análise de um Impresso (DISSERTAÇÃO). Niterói: UNIPLI, 2009, 79f.

para produzir informação na interface entre a linguagem jornalística e a linguagem científica.

O tema científico escolhido é aquele que remete às questões da Saúde haja vista ser este um dos temas recorrentes na mídia quando se trata de divulgação científica. Mora (2005, s/p) nos informa que,

A divulgação da ciência se deixamos de lado por um momento o como fazê-lo, quer tornar acessível esse conhecimento superespecializado. Não se trata de uma tradução, no sentido de verter de uma língua para a outra, mas de criar uma ponte entre o mundo da ciência e os outros mundos. Se aceitamos como inquestionável a importância da ciência, a importância dessa comunicação não é menor, pois ela é o canal que possibilita ao público leigo a integração do conhecimento científico à sua cultura.

Embora seja verdade que não existe uma fronteira bem definida entre divulgação e ensino convencional, pode-se dizer que o ensino, ao apresentar os conceitos, o faz (ou, pelo menos, tenta fazê-lo) enfatizando o ideal do método científico, ainda que se deva observar que, com isso, não se viu necessariamente beneficiado. A transposição didática, isto é, a passagem do conhecimento como produto primário da pesquisa científica para o conhecimento que vai ser ensinado, deve levar em conta a riqueza dos processos reais de elaboração do conhecimento primário. Caso contrário, a transposição será uma degradação, e o mesmo pode acontecer com a divulgação.

A distinção entre texto científico e de divulgação também não é inequívoca. Há pontos em que ambos os discursos se tocam e até se misturam. Mas a intenção é diferente, motivo pelo qual os recursos de que devem dispor são diferentes. Enquanto a ciência possui todo um acervo de técnicas, de metodologias teóricas e práticas e diversos tipos de linguagem – fundamentalmente, a matemática –, que lhe dá suporte e sentido aos seus conceitos, a divulgação deve, de alguma maneira, prescindir disso tudo e utilizar apenas as ferramentas da linguagem natural para recriar os conceitos da ciência, reproduzir as imagens, empregar os modelos e resgatar o espírito do conhecimento científico.

Como será então que podemos ‘criar a ponte’ entre o mundo da ciência e o da mídia quando o tema é a Saúde? Esta é a pergunta que perpassa este trabalho.

## **2. A DIVULGAÇÃO DOS CONCEITOS DE SAÚDE NA MÍDIA IMPRESSA: CONCEITO DE BIOPOLÍTICA**

O conceito de Saúde instituído pela Modernidade traz as marcas do controle e da vigilância sobre os corpos, pois a sociedade moderna capitalista é engendrada a partir da tríade Ciência-Trabalho/Capital-Estado, que traz valorização desses corpos como instrumento das relações de produção capitalistas e de controle e vigilância das relações de saber instituídas pela Ciência e das relações de poder instituídas pelo Estado Moderno. Assim, sob as marcas da ordem instituída a partir do século XVII, surge a denúncia da desordem e as questões relativas ao corpo biológico que fogem à

racionalidade, colocando em risco as relações sociais. Uma das técnicas de controle e vigilância da ordem capitalista se dá pelo chamado Discurso Médico, que é o controle a vigilância dos corpos a partir das práticas em Saúde.

Segundo Michel Foucault, nossa sociedade atravessou o “umbral da modernidade biológica” na passagem do século XVIII para o XIX, quando o indivíduo e a espécie entraram nas estratégias e nos cálculos do poder político. A vida biológica e a saúde da nação tornaram-se alvos fundamentais de um poder sobre a vida, num processo denominado de “estatização do biológico”. O biopoder clássico articulava-se numa dupla forma, como uma anátomo-política do corpo, em cuja base estavam os processos de disciplinamento corporal, e como uma biopolítica das populações. A biopolítica analisada por Foucault enfatizava especialmente as noções de sexualidade, raça e degenerescência, cujo objetivo era a otimização da qualidade biológica das populações. Ela estava historicamente vinculada à constituição e ao fortalecimento do Estado nacional, à afirmação da burguesia, assim como à formação de um dispositivo médico-jurídico visando à medicalização e à normalização da sociedade (ORTEGA, 2003/2004, p. 10).

Entretanto, se a vigilância e o controle são mecanismos de manutenção da ordem social, eles não se dão apenas pela repressão do Estado, mas pela produção de discurso, de verdade, se dá também pela confissão, isto é, é preciso confessar ao outro, o especialista, o erro, o vício, para que a ordem social possa ser mantida e a idealizada liberdade individual também (FOUCAULT, 1999). A mídia se constituiu em um dos instrumentos de controle e vigilância, que associada às questões de Saúde, mantém um lugar de visibilidade e dizibilidade acerca da conduta de cada um de nós, instituindo discursos sobre Saúde, por exemplo, colocando-nos no confessionário, o que não dizer dos programas nos quais encontramos especialistas a quem confessamos nossas ‘dúvidas’, nossas ‘falhas’.

O século XIX desloca a confissão ao integrá-la a um projeto de discurso científico; ela não tende mais a tratar somente daquilo que o sujeito gostaria de esconder, porém daquilo que se esconde ao próprio sujeito, e que só se pode revelar progressivamente e através de uma confissão da qual participam o interrogador e o interrogado, cada um por seu lado (...) não é somente porque aquele que ouve tem o poder de perdoar, de consolar e de dirigir que é necessário confessar. É que o trabalho da verdade a ser produzida, caso se queira validá-lo cientificamente, deve passar por essa relação. A verdade não está unicamente no sujeito (...) ela se constitui em dupla tarefa: presente, porém incompleta e cega em relação a si própria, naquele que fala, só podendo completar-se naquele que a recolhe. A este incumbe a tarefa de dizer a verdade dessa obscura verdade (...) aquele que escuta não será simplesmente o dono do perdão, o juiz que condena ou isenta: será o dono da verdade (FOUCAULT, 1999, pp. 65-6).

Assim, a lógica da modernidade produz a idéia de que o sujeito deve ser libertado pelo outro (médico, padre, psicólogo, psicanalista), e só aí irá descobrir quem ele é. O poder disciplinar, o poder moderno produz um sujeito que é “sujeito a alguém pelo controle e dependência; sujeito preso à sua própria identidade por uma consciência e autoconhecimento.” (COUTINHO, 2001, p. 75). Esta é a experiência de **saber de si**, descrita por Foucault, que é a descoberta de si mesmo a partir do outro como dono da verdade; o sujeito se oferece ao outro para ser decifrado, ser interpretado, ser julgado, enfim ser construído. O discurso de Foucault é contra esta ideologia de libertação constituída pelas condições de possibilidade da modernidade, porque é contra a idéia de sujeito como essência. Portanto, a partir das idéias de Foucault, seria melhor falarmos em formas de subjetividade, porque o sujeito é produzido a partir de certas tecnologias de si, que são as condições de possibilidade para uma forma de subjetivação numa determinada época, e que vão se diversificando, se transformando ao longo do tempo.

A partir deste ‘ideal de saúde’, propagado pela mídia e pela indústria médica, qualquer sinal de dor é visto como ultrajante e, portanto, como devendo ser aniquilado; qualquer diferença em relação ao ideal é vista como um desvio, um distanciamento maior, e insuportável, da perfeição colimada, devendo ser ‘corrigida’. Os afetos são mobilizados e manipulados narcisicamente no sentido de suscitar nas pessoas o sentimento e a fantasia de que, caso não siga o ideal coletivo da saúde ideal, estará não só aquém da própria saúde ideal apresentada, mas sobretudo fora do grupamento humano atual, será um excluído simbólico, não comungará da moda que une as individualidades atuais e, assim sendo, estará aquém dos outros, dos incluídos que, fantasiosamente, não só gozam de uma saúde próxima do ideal, como, quando não for o caso, terão helicópteros para um último e glamouroso passeio ostentatório. No mundo do faz-de-conta da saúde ideal, contudo, apesar dos anunciados milagres dos anti-depressivos, da biotecnologia e da Ciência em geral, o paciente sentirá dor, se sentirá enfermo, buscará compreensão por parte do médico e equipe, investidos estes em semi-deuses; e estes em algum momento poderão se auto-mediar em excesso, sentirão dor, ficarão enfermos

O ideal de saúde da Medicina ‘científica’ – que em geral a define como ‘ausência de doença’ – segue o famoso modelo cartesiano que concebe o corpo como uma máquina, devendo ser consertada caso dê algum defeito. Este modelo ignora ou menospreza o fato de que não há a tal máquina perfeita em relação à qual se saberia que outra estaria defeituosa (MARTINS, 2003/2004, pp. 26-7).

O conceito de Saúde, desde meados do século passado, vem sendo tomado, pelo menos no discurso teórico, em uma vertente diferente daquela, implementada, pela sociedade moderna capitalista, que valorizava a ‘cura de doenças’ com o objetivo de cuidar do instrumento da produção capitalista – o corpo.

A mudança diante desse modelo capitalista começa a se constituir a partir da definição do conceito de Promoção de Saúde:

enquanto as ações preventivas objetivam evitar o surgimento de doenças específicas, a promoção está mais preocupada com o bem-estar geral de pessoas e comunidades, partindo, então, de uma concepção positiva de saúde (Czeresnia, 2003). Na perspectiva da promoção, a Organização Mundial de Saúde - OMS define a saúde como “*recurso que permite às pessoas manter uma vida, individual, social e economicamente produtiva*” e compreende a promoção da saúde como um processo social e político, não limitado a abraçar ações direcionadas a fortalecerem as habilidades e capacidades dos indivíduos, mas envolvendo, também, ações dirigidas a mudar as condições sociais, ambientais e econômicas, de forma a amenizar o seu impacto na saúde pública e individual. (WHO, 1998, p.1) Ao pensar a saúde de forma tão abrangente, como aponta Czeresnia (2003, p.46), “*está se lidando com algo tão amplo como a própria noção de vida*”, envolvendo tanto aspectos individuais como aspectos macro-estruturais, bem como sua permanente interação (TRAVERSO-YÉPEZ, 2007, p. 224).

Assim, estamos nos referindo à ampliação do conceito de Saúde’, que deixa de ser apenas referente ao corpo biológico e passa a circunscrever as ações políticas, econômicas e sociais na produção do sujeito. Entretanto, este conceito ampliado vem sendo capturado pelo modelo da Modernidade, já que é preciso a constituição de um novo modelo de relação (operador ético) para que ele se estabeleça.

Por outro lado, não há como mudar as formas de relacionamento nas práticas de saúde sem que aumentemos os graus de comunicação, de conectividade e de intercessão (Deleuze, 1992) intra e intergrupos nos serviços e nas outras esferas do sistema. Chamamos de transversalidade (Guattari, 1981) o grau de abertura que garante às práticas de saúde a possibilidade de diferenciação ou invenção, a partir de uma tomada de posição que faz dos vários atores sujeitos do processo de produção da realidade em que estão implicados. Aumentar os graus de transversalidade é superar a organização do campo assentada em códigos de comunicação e de trocas circulantes nos eixos da verticalidade e horizontalidade: um eixo vertical que hierarquiza os gestores, trabalhadores e usuários e um eixo horizontal que cria comunicações por estames. Ampliar o grau de transversalidade é produzir uma comunicação multivetorializada construída na intercessão dos eixos vertical e horizontal. Na qualificação do SUS, a humanização (BENEVIDES e PASSOS, 2003, p. 393).

Portanto, o desafio não é apenas conceitual, mas também metodológico e isso não somente nas instituições tradicionais de Saúde e também nas instituições que se apropriam do discurso da Saúde, tal como a mídia. Este é o questionamento deste trabalho: as relações entre mídia e concepções científicas da Saúde.

### **3. A ANÁLISE DA REPORTAGEM DE UM JORNAL**

#### **3.1 A Coleta de dados**

O Jornal analisado foi O GLOBO. A escolha por este impresso foi determinada por ser uma referência da imprensa carioca, sendo o jornal carioca com o maior número de assinantes. Além disso, este periódico tem um caderno específico para temas da Ciência.

A coleta de dados vem sendo feita desde 2008, porém aqui neste trabalho apresentamos e analisamos apenas uma reportagem, publicada em 26 de julho de 2009, pois este estudo significa uma análise preliminar.

#### **3.2 A constituição das categorias de análise**

A análise foi feita de acordo com as seguintes categorias:

##### **- decodificação da linguagem científica para a linguagem jornalística:**

(...) a linguagem jornalística tem como principal objetivo tornar o conteúdo do texto acessível a todos. Pois, como o foco é levar ao maior número de pessoas a informação, os meios de comunicação de massa, como o próprio nome já determina, têm como princípio básico: tornar objetiva, simples e concisa a linguagem escrita. Desta forma, mesmo sendo um público heterogêneo com grau de instrução, nível social, escolaridade, enfim formação cultural diferente, a maior parte será capaz de compreender o assunto em questão (OLIVEIRA e OUTROS, s/data).

##### **- Contextualização do tema:**

temas científicos vêm sendo apresentados de maneira superficial e sensacionalista pelos meios de comunicação. A mídia raramente discute as políticas públicas para a área de Ciência, Tecnologia e Inovação. Quando o fazem, segundo Medeiros, estão praticamente centrados na abordagem do volume e distribuição de recursos. A tendência atual na cobertura das reportagens sobre Saúde analisadas é a superficialidade, a objetividade excessiva e não-geradora de conhecimento crítico. Em relação ao jornalismo científico brasileiro, alguns autores o avaliam como estando baseado, em parte, numa visão mistificada da atividade científica, colocando em evidência o viés espetacular das "descobertas", a genialidade dos cientistas e a aplicabilidade da ciência, em detrimento dos aspectos ligados ao seu funcionamento real, tais como suas incertezas, suas controvérsias e seu contexto cultural e sócio-econômico. (OLIVEIRA e OUTROS, s/data).

##### **- fontes utilizadas:**

Estudos revelam que as fontes das matérias sobre conteúdos científicos publicadas pelos meios de comunicação não são expostas de maneira clara. O que muitas vezes nos faz duvidar da utilização das mesmas. A relação do jornalista com as fontes científicas, sejam as agências de notícias, os centros de pesquisa, laboratórios ou universidades, nem sempre é compreensiva. Os pesquisadores, muitas vezes, demonstram inacessibilidade ou desinteresse em explicar o dado científico de modo claro e prático para o jornalista, que tem o papel fundamental de decodificar a informação para o público leigo. Por esse motivo, as notícias do mundo científico chegam às redações da

chamada grande mídia por meio das assessorias de imprensa, o que contribui para reforçar uma prática muito comum: a publicação de releases enviados pelas corporações vinculadas à pesquisa em Ciência, sem checagem, apuração nem abordagem social contextualizada da informação. (OLIVEIRA e OUTROS, s/data).

Assim, podemos dizer que há uma dissonância entre a linguagem científica e a linguagem jornalística. Entretanto, será impossível desenvolver o jornalismo científico ou temos forma para constituir no espaço da mídia jornalística? Como fazer, já que um dos veículos da divulgação de temas científicos vem sendo esta mídia? Pode haver uma transposição da linguagem científica para a jornalística e este vem sendo um ponto de análise para pesquisadores. O questionamento de jornalistas, cientistas e pesquisadores da área de comunicação é até que ponto esta transposição não produziria uma mudança substancial no conteúdo científico, o que favoreceria a determinados discursos midiáticos. O resultado de matérias publicadas e veiculadas em redes, em grande escala, produz um efeito social que é analisado pelos cientistas. Afinal como esta “decodificação” de conceitos e vocábulos científicos repercute no entendimento social sobre ciência e principalmente que poder está implícito neste processo:

A análise mostra que, de fato, como propõe Zamboni, há no processo de divulgação científica um trabalho de formulação discursiva que consiste em escolhas ligadas ao estilo verbal – recursos disponíveis na língua (conforme Bakhtin e Possenti) – ou ligadas à prática jornalística (conforme Epstein e Orlandi). Mas o presente trabalho também mostra que não se pode tratar da mesma forma um artigo de divulgação escrito por um cientista e uma notícia jornalística de divulgação da ciência, já que esta última tem uma construção composicional típica do gênero da notícia jornalística como um todo e se submete a processos de edição próprios de cada veículo de comunicação. (CUNHA, 2008, p. 201)

O trabalho apresentado por Cunha (2008) concluiu, entre outras questões, que é fundamental tratar de maneira distinta o discurso da ciência no contexto da linguagem jornalística, porque os seus processos são muito diferentes de elaboração e os objetivos também. Mas, a pergunta persiste: como podemos aproximá-lo respeitando suas especificidades. Este trabalho tem o objetivo inicial de entender como a mídia vem se apropriando e divulgando os conteúdos da Ciência. Este o primeiro passo da pesquisa que estamos realizando acerca da Divulgação Científica na Mídia e aqui, portanto, apresentaremos ainda dados preliminares.

### **3.3 A Análise do Discurso**

O aporte teórico para analisar os textos da mídia impressa acerca dos temas científicos do campo da Saúde foi o discurso de Maingueneau e suas Novas Tendências da Análise do Discurso Francesa (*apud* OLIVEIRA, 2003). Maingueneau fala sobre a distinção e o distanciamento entre os papéis funcionais do enunciador e do locutor no discurso, o que ele denomina de dupla voz, heterogeneidade do discurso. Alguns dos fenômenos que distinguem o enunciador e o locutor por características lingüísticas explicitando a dupla voz são: ironia, palavras entre aspas

Se o discurso indireto livre institui um jogo na fronteira entre discurso citado e discurso que cita, a ironia **subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não é pelo locutor**. Enquanto a negação pura e simplesmente rejeita um enunciado, utilizando um operador explícito, a ironia possui a propriedade de poder rejeitar, sem passar por um operador desta natureza. Outro índice é o metadiscurso, que é um discurso paralelo e relativiza o que se acabou de falar. A **palavra entre aspas**, indica no texto um outro sentido ao convencional. O **discurso relatado direto** ou **indireto** traz a palavra de uma outra pessoa junto com a do falante. “Seria mais próprio dizer que há uma espécie de dramatização no, **discurso direto**, reproduzindo literalmente uma citação. O **indireto** faz também um relato de enunciação, mas sem que a citação seja literal.” (MAINGUENEAU *apud* OLIVEIRA, 2003, p.122).

### 3.4. Análise e Interpretação das reportagens sobre temas da Saúde

#### - REPORTAGEM SOBRE CELULITE - PUBLICADA NO CADERNO CIÊNCIA EM 26 DE JULHO DE 2009

##### *A DURA VERDADE SOBRE A CELULITE: ESTUDOS REVELAM QUE TRATAMENTO SÃO INEFICAZES*

*A péssima notícia é que a celulite não tem cura. A má é que todas as mulheres têm, da mais magra e jovem modelo à senhora de mais idade e gordinha, passando até mesmo por atletas. Trata-se de uma característica do sexo feminino, assim como menstruar e engravidar, e quanto antes nos acostumarmos à idéia, melhor. Até porque não tem muito jeito mesmo. O único consolo é pensar que dá para economizar todo aquele dinheiro destinado a caríssimos e ineficazes tratamentos (...).*

*- Hoje, não há cura para a celulite mesmo – sustenta a dermatologista Molly Wanner, da Escola de Medicina da Universidade de Harvard, autora da mais recente revisão de todos os tratamentos disponíveis no mercado (...)*

*Somente nos EUA, o mercado movimentou US\$ 47 milhões no ano passado. A previsão é que alcance US\$ 62 milhões até 2013, segundo reportagem sobre o tema publicada no “New York Times” (...)*

*Como explica a especialista Doria Hexsel, a celulite é uma condição clínica caracterizada pela alteração do relevo da pele, sobretudo na área das nádegas e coxas, e principalmente das mulheres. Ela ocorre devido ao acúmulo de gordura sob a pele (...) E só piora com a idade. A flacidez é, ao lado do sobrepeso, um dos principais agravantes do problema. E é por isso que uma alimentação saudável somada a exercícios é a única receita disponível para prevenir e amenizar o problema (...) mas podemos diminuir a celulite no mundo, esse é o meu objetivo maior, investindo na prevenção. Temos que aceitar que é um problema inerente da mulher. Assim como*

*menstruamos e engravidamos, é parte da nossa natureza ter celulite. Mas não podemos nos acomodar, temos que lutar desde cedo (O GLOBO, Caderno de Ciência, 2009).*

Na **fonte utilizada** observamos inicialmente uma falta de informação, pois é feita referência a uma Dermatologista - Molly Wanner – identificando-a como a autora mais recente de uma revisão acerca do tema da celulite, mais especificamente sobre os “tratamentos disponíveis no mercado”, mas não é explicado que tipo de estudo é. Mais adiante a reportagem traz outra especialista, agora sem definição da instituição Doris Hexsel, o que deixa a fonte sem relevância. Ou seja, não há vínculo estabelecido com o discurso científico, pois mesmo quando se trata de analisar o mercado como prometido, a fonte é outro veículo de comunicação – New York Times.

Estudos revelam que as fontes das matérias sobre conteúdos científicos publicadas pelos meios de comunicação não são expostas de maneira clara. O que muitas vezes nos faz duvidar da utilização das mesmas. A relação do jornalista com as fontes científicas, sejam as agências de notícias, os centros de pesquisa, laboratórios ou universidades, nem sempre é compreensiva. Os pesquisadores, muitas vezes, demonstram inacessibilidade ou desinteresse em explicar o dado científico de modo claro e prático para o jornalista, que tem o papel fundamental de decodificar a informação para o público leigo.. (OLIVEIRA e OUTROS, s/data).

Neste aspecto sobre a relação com as fontes devemos destacar também o interesse do próprio discurso jornalístico em ignorá-las ou priorizá-las quando é mais conveniente para a formatação da matéria ou notícia. A reportagem

(...) uma notícia sobre política que traz a fala de um personagem do alto escalão do governo confere mais credibilidade do que outra que, por exemplo, revela uma fonte ligada ao círculo de amizade de “fulano”, simulando preservar essa suposta fonte. Talvez, por essa razão, Zamboni deveria ter percebido que, no campo da divulgação científica, o texto jornalístico possui características diferentes do artigo de divulgação assinado por um cientista. Pelo fato de o autor do artigo de divulgação ser a própria autoridade relacionada à enunciação, considerando que, segundo Maingueneau (1987, p.37), “o discurso só é ‘autorizado’ e, conseqüentemente, eficaz se for reconhecido como tal”, ele não precisa inserir em seu texto a fala de um colega cientista para ter credibilidade. Pode fazê-lo ou não. (CUNHA, 2008, p.201).

Em relação à **contextualização do tema**, podemos observar que a mensagem é ambígua, já que uma voz do discurso remete à falta de cura para a celulite e outra ressalta prevenção. São ações diferentes, mas diante do conceito atual de Saúde a reportagem poderia ter feito a opção - mesmo dando as duas notícias – por informar mais acerca da prevenção, entretanto, o que perpassa o texto da reportagem é o anúncio em tom alarmante de que a celulite não tem cura. Esse tom alarmante é ‘atenuado’, logo no primeiro parágrafo da reportagem, pela utilização de um índice de análise do discurso, a ironia, ou seja, há uma fronteira entre o que é assumido ou não pelo locutor – uma forma de dizer entre brincadeiras é também uma denegação, o que afirma ainda mais a informação que é o alvo da ironia.

O que podemos compreender é que tal recurso de ironia é utilizado exatamente para possibilitar esse discurso incerto, duvidoso sobre o tema porque o objetivo é chamar a atenção para o enunciado, a manchete.

“A notícia é um produto à venda e esta exposta na vitrine do capitalismo industrial” (MARCONDES *apud* PENNA, 2009, p.90). Ou seja, precisa ser vendida, comprada, o seu público tem que ser mobilizado para o fato. A questão é que a mídia transmite a realidade como um filme, uma história de ficção que se torna real, onde cada um dos indivíduos reais se torna o personagem, para isso se utiliza o sensacionalismo e alarmismo, pois a própria vida se torna um espetáculo.

A linguagem jornalista se utiliza de recursos lingüísticos sensacionalistas porque se a vida é o veículo, o seu público quer assistir e acompanhar o inusitado, inédito, digamos, o impossível. O público quer estar como espectador dos fatos narrados, buscar o início, meio e fim para a história real. Mais do que isso, o público deseja encontrar instaneamente: emoção, prazer e divertimento, através do que é dado pela mídia.

O jornalismo científico é mais uma peça de engrenagem da mídia e acaba por produzir e encenar fatos cotidianos, por meio de linguagens sensacionalistas. Como consequência deste processo midiático, o jornalismo acaba não sendo o lugar da reflexão, mas apenas da oração imediata, pronta para ser consumida e para isto acontecer de forma que chame a atenção do público é preciso criar mecanismos que mobilizem a sua atenção.

Cada vez mais tênue, a fronteira entre o imaginário e o real caminha para a dissolução, forçando o jornalista a pensar em formas alternativas de representação do acontecimento.

As representações feitas através de imagens sensacionalistas e cortes na ilha de edição não são situações isoladas, não se produzem sozinhas. São, na verdade, aspirações da própria sociedade, ávida por consumir esse tipo de produto. Este sim é um movimento perigoso, em que o consumo determina o produto e o produto determina o consumo, em ciclo vicioso e interminável. (PENNA, 2009, p.159)

Em relação à categoria **decodificação da linguagem científica para a linguagem jornalística**, percebemos que o tom alarmista, a superficialidade e falta de uma definição da fonte são empecilhos à constituição da articulação entre a linguagem científica e a linguagem jornalística.

Mesmo o objetivo da linguagem jornalística - tornar objetiva, simples e concisa a linguagem escrita - ficou comprometido, pois tanta ambigüidade não permite que tal finalidade seja implementada. Mais que isto, o que se observa é que o jornalismo, apesar de ser um dos principais agentes de comunicação de massa, não rediscutiu como paradigma a questão da “fidelidade aos fatos”. A ambigüidade se traduz como descomprometimento. (PENNA, 2009).

Tudo isso pode estar atrelado à falta de qualificação profissional do jornalista para lidar com temas da Ciência, aliada à forma como a informação jornalística se constitui: é preciso rapidez na apuração e redação reportagens, a fim de fechar a publicação em tempo hábil para a distribuição. Isso faz do jornalismo científico, em especial em tipos de veículo como o aqui analisado, uma tentativa ainda ineficaz e insuficiente para se atingir o objetivo de contribuir para a alfabetização científica do leitor.

Entretanto, há algo que perpassa a constituição do lugar da Ciência que é determinante para essa forma de apropriação do seu discurso: a forma de constituição das relações na sociedade Moderna institui saberes que não são para todos, principalmente o saber oficial, a Ciência, pois este se constitui em instrumento de controle e vigilância. Por isso é importante a análise de formas possíveis de aproximação entre a Mídia e a Ciência, privilegiando a Divulgação Científica. Este trabalho, que analisa como a Mídia vem apresentando a Ciência, faz parte de um projeto

de pesquisa que tem como objetivo propor formas de transposição entre a Ciência e a Mídia com finalidade de promover Alfabetização Científica. Mas, para tanto, é preciso conhecer como esta relação entre o discurso midiático, aqui especificamente o discurso jornalístico, e o discurso científico vem se constituindo.

O objetivo da Divulgação Científica não pode ser o mero acesso ao conhecimento produzido pela Ciência, mas a constituição de um saber que nos permita reivindicar o acesso a condições dignas de vida.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que o vínculo entre Ciência e Mídia, mais especificamente, entre a Ciência e o Jornalismo, precisa ainda de muitos estudos que revelem como estas linguagens vem sendo relacionadas. Pois até então temos alguns estudos que mostram como as reportagens jornalísticas podem ser um recurso didático em sala de aula ou estudos que mostram estas reportagens apresentam os conteúdos científicos de forma correta. Entretanto, antes disso, é preciso desenvolver estudos que analisem como as especificidades da linguagem do jornalismo podem lidar com as especificidades da linguagem da Ciência, pois existem diferenças que são determinantes para cada um desses discursos.

#### 5. REFERÊNCIAS

- BENEVIDES, R. e PASSOS, E. Humanização na Saúde: um novo modismo? **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.9, n.17, p.389-406, mar/ago 2005.
- COUTINHO, A. M.M. “ O que nós, psicanalistas, podemos aprender com Foucault?” In: Foucault – 40 anos de História da Loucura. **Psicologia Clínica**, v.13, n° 1, 2001.
- CUNHA, R.B. Do Científico ao Jornalístico: análise comparativa de discursos sobre Saúde. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n.24, p.195-203, jan./mar. 2008
- DELEUZE, G. **Foucault**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 29ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- MARTINS, A. Biopolítica: o poder médico e a autonomia do paciente em uma nova concepção de saúde. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.14, p.21-32, set.2003-fev.2004.
- MORA, A. M. S. **A divulgação da ciência como literatura**. Série Terra Incógnita. Disponível em: <http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciacomoliteratura/cienciacomoliteratura.html>. Acesso em: 22 outubro 2008.
- OLIVEIRA, L.R.; CRIBB, S.; ROCHA, P e OUTROS. **A Divulgação Científica de Temas de Saúde: Análise de um Impreso**. Sem publicação.

- OLIVEIRA, L.R. **O Sujeito entre a Escola que Reproduz e que Transforma** (TESE). São Paulo: FEUSP, 2003, 193f.
- ORTEGA, F. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.14, p.9-20, set.2003-fev.2004.
- PENNA, F. **Teoria do Jornalismo**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2005.
- SERRA, S. **A Divulgação Científica de Temas de Saúde na Mídia: Análise de um Impreso** (DISSERTAÇÃO). Niterói: UNIPLI, 2009, 79f.
- TRAVERSO-YÉPEZ, M.A. Dilemas en la promoción de la salud en Brasil: consideraciones sobre la política nacional. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.** mai/ago 2007